



3.31 • Metamorfoses da violência

As Forças Armadas norte-americanas e as operações urbanas

Reginaldo Mattar Nasser

POUCO DEBATIDO no universo civil das ciências sociais dedicadas às questões urbanas, as pesquisas relacionadas aos conflitos urbanos estão sendo rapidamente desenvolvidas com o financiamento das instituições militares norte-americanas, motivadas pela crescente percepção de que os processos contemporâneos de urbanização em todo o mundo podem reformular significativamente a doutrina geopolítica e a estratégia militar do Pentágono (Graham, 2007, p. 3).

Consciencialização da necessidade de mudança

As conceituadas revistas especializadas em temas militares nos Estados Unidos, como *Parameters*, *Naval War College Review*, *Small Wars Journal* e *Military Review*, têm chamado a atenção para a necessidade de as Forças Armadas norte-americanas adquirirem uma preparação mais adequada para travar o que seria uma nova modalidade de guerra. Desde os atentados do dia 11 de setembro de 2001 há uma crescente atividade por parte das agências militares, especialistas do governo e *think tanks* vinculados à área de defesa com o objetivo de convencer os diversos grupos de poder que compõem as Forças Armadas norte-americanas de que as operações militares urbanas deverão constituir-se em seu principal sistema de segurança nacional. Em tons apocalípticos, como ele mesmo admite, o professor do *The Naval War College*, Richard Norton, publicou um artigo que teve bastante repercussão nas Forças Armadas norte-americanas, no qual alertava para o aparecimento daquilo que ele denominou *feral cities* (Norton, 2003). Seu argumento é que várias metrópoles no mundo estão caminhando para uma situação em que praticamente não haverá qualquer serviço público e que o governo perdeu a capacidade de manter o Estado de direito dentro dos limites da cidade. Apesar disso, argumenta que isto não seria o caos completo, pois grupos criminosos, clãs, tribos ou associações de bairro continuariam a exercer diferentes graus de controle sobre partes da cidade. Além disso, a cidade continuaria globalmente conectada, ainda que com um mínimo de vínculos comerciais: alguns de seus habitantes teriam acesso à tecnologia de comunicação, colocando-os em contato com outros centros urbanos no mundo. Norton observa, por fim, que se trata de um fenômeno novo, diferente das *feral cities* do passado, que apareciam, geralmente, como resultado de uma guerra ou conflito civil e nas quais os grupos armados operavam fora dos centros urbanos. Assim, conclui que não se trata “(...) apenas de uma questão sociológica ou de planejamento

urbano, mas de desafios militares únicos”, o que requer, portanto, novos recursos e estratégias para lidar com estas ameaças. Em artigo publicado na revista *World Policy Journal* os especialistas em segurança nacional Liotta e Miskel (2004) observaram que o conceito de “Estado falido”, que recebeu tanta atenção na década de 1990, deveria ser complementado pelo surgimento das “cidades falidas”, onde a ordem civil sucumbe às poderosas gangues e/ou às organizações criminosas, que representam uma variedade de ameaças não tradicionais, como o contrabando de pessoas, de armas e de drogas.

“[...] os processos contemporâneos de urbanização em todo o mundo podem reformular significativamente a doutrina geopolítica e a estratégia militar do Pentágono.”

Na verdade, as primeiras evidências da configuração do que Graham (2007, 2010) chamou de um *shadow system of military urban research* datam do início da década de 1990. Não por acaso, as primeiras considerações a respeito da natureza urbana dos conflitos contemporâneos se dão no mesmo momento em que teve início o debate em torno do conceito das “novas guerras” no meio acadêmico. A produção dos autores que compõem esse *shadow system of military urban research* está, em sua expressiva maioria, ligada ao movimento conhecido como *Revolution in Military Affairs* (RMA), que se traduziu no investimento em avanços tecnológicos, operacionais e organizacionais no âmbito das Forças Armadas norte-americanas com o objetivo de sustentar a projeção de poder dos Estados Unidos no período pós-Guerra Fria (Harris, 2003, p. 3; Graham, 2007, p. 5). É no bojo deste processo que surgem as primeiras referências à necessidade de as Forças Armadas norte-americanas estudarem o caráter urbano das novas guerras, apontando para a experiência do exército russo na Chechênia e os combates da Task Force Ranger na Somália. Um dos primeiros resultados do reconhecimento de tal necessidade é a recuperação do conceito de *Military Operations in Urban Terrain* (MOUT) (Desch, 2000, p. 1).

O diagnóstico da Defense Intelligence Agency (DIA), registrado em documento de 1997, corrobora a tese de que os anos 1990 foram marca-

dos pela construção, no âmbito das Forças Armadas norte-americanas, da percepção da necessidade de se avançar no entendimento da relação entre os conflitos contemporâneos e as cidades: “(...) as modernas operações de combate urbano serão um dos principais desafios do século XXI” (DIRC, 1997, p. 11, tradução do autor). Autores filiados às diversas escolas militares norte-americanas, à época, faziam considerações semelhantes. O tenente-coronel Lester W. Grau, escrevendo com o diretor do Foreign Military Studies Office (FMSO), de Fort Leavenworth, Jacob Kipp, entendia que o combate urbano tornava-se cada vez mais provável, uma vez que armas de alta precisão ameaçavam as manobras operacionais e táticas em terreno aberto. Nesse sentido, para os comandantes que não têm armas de alta precisão suficientes, as cidades passaram a ser terrenos atraentes, desde que conheçam a cidade melhor do que seu inimigo e possam mobilizar os recursos urbanos para seus propósitos (Grau e Kipp, 1999, p. 4).

Da doutrina à prática

Os atentados do dia 11 de setembro estimularam uma renovação dos termos do debate a respeito da RMA, bem como intensificaram o interesse na discussão do caráter urbano das novas guerras no âmbito das instituições militares. À época, o coronel Norvell DeAtkine (2001, p. 20) ressaltava a importância de uma reformulação na concepção da relação entre a doutrina e as novas realidades: “Apesar do fato de que nós temos, nos últimos anos, experiência de combate em cidades do Terceiro Mundo, grande parte da nossa doutrina e muitas das nossas lições aprendidas ainda são centradas no modelo dos Estados europeus.” O tenente-coronel Leonhard (2003, p. 40, tradução do autor), por sua vez, afirmava: “As áreas urbanas devem tornar-se o nosso meio preferido para a luta. Devemos otimizar nossa estrutura de força para isso, em vez de relegá-la ao Apêndice Q em nossa doutrina de combate, tratando-a como a exceção e não a norma (...)”. O desafio de avançar na compreensão do caráter urbano das novas guerras se justifica plenamente, tal qual afirma a major Houlgate (2004, p. 1), uma vez que, dentre os vinte e seis conflitos nos quais as Forças Armadas norte-americanas se envolveram entre 1984 e 2004, vinte e um estavam localizados em áreas urbanas e dez foram exclusivamente urbanos. Tais estatísticas sustentavam as previsões do professor de estudos militares da escola militar Joint Forces Staff, Keith Dickson, que serviu o exército norte-americano por mais de duas décadas: “A guerra assimétrica nas áreas urbanas será o maior desafio deste século para as forças

militares ocidentais. (...) A cidade será um lugar estratégico; quem controlá-la vai ditar o rumo dos acontecimentos futuros no mundo” (*apud* Graham, 2010, p. 19). A justificativa para a realização de eventos como o Simpósio *Military Operations in an Urban Environment* foi que as operações militares em cidades e outras concentrações urbanas deverão se tornar um dos principais temas para os militares americanos no próximo século. Na abertura do simpósio foi informado que o exército dos Estados Unidos (em Fort Benning e Fort Knox), o corpo de fuzileiros navais e o estado-maior das Forças Armadas estavam trabalhando para formular doutrinas de como se operar em cidades e áreas densamente povoadas. Além disso, dava conta, que grande parte deste pensamento doutrinário ainda está em desenvolvimento, e que este vai se beneficiar de comparações históricas e da discussão de teorias elaboradas por especialistas, não só nas Forças Armadas, mas também em outras agências civis do governo, na academia e em *think tanks* (Desch, 2000, p. 12).

No centro do debate estabelecido no âmbito das Forças Armadas norte-americanas a respeito do caráter urbano dos conflitos contemporâneos e das chamadas novas modalidades de violência organizada está a preocupação com as limitações impostas pelo espaço urbano à atuação do exército norte-americano. Nas palavras do major general William G. Boykin (2000, p. 1), as operações realizadas nas ruas das cidades não permitem que as linhas de batalha sejam relativamente claras. A guerra urbana é, na maioria das vezes, assimétrica, e, em alguns casos, a superioridade da tecnologia dos Estados Unidos e seus armamentos sofisticados não oferecem vantagens decisivas, o que torna o combate urbano bastante atraente para quem pretende combater os Estados Unidos e as forças aliadas convencionais. Como vimos nessa breve exposição, as respostas aos desafios impostos pela natureza urbana dos conflitos transnacionais contemporâneos, sugeridas pelas Forças Armadas norte-americanas, parecem ter um caráter predominantemente técnico, limitando a eficiência dos instrumentos tecnológicos desenvolvidos no âmbito da RMA. Daí surge a percepção da necessidade do desenvolvimento de novas soluções tecnológicas e operacionais a fim de garantir o sucesso de operações em espaços urbanos. As tecnologias de inteligência, precisão e capacidade de ataque dos Estados Unidos, que foram decisivas na Tempestade no Deserto (Guerra do Golfo de 1991), têm pouca utilidade na guerra urbana. Com as MOUTs suscetíveis de se tornarem mais predominantes no futuro, a hipótese de RMA generalizada é colocada em dúvida (Harris, 2003, p. 39). Contudo, uma compreensão limitada da cidade, tomando-a apenas como mais um meio físico onde se dá o conflito e ignorando sua complexidade e seus significados sociais e políticos, resulta apenas em respostas de natureza tecnológica e operacional aos desafios impostos pela urbanização dos conflitos (Graham, 2007, p. 5). Em artigo para o *The New*

York Times, Stier (2004) sugere que a busca por soluções unicamente tecnológicas para lidar com a natureza urbana das chamadas novas modalidades de violência organizada não tem obtido resultados positivos, já que as Forças Armadas norte-americanas têm enfrentado grande dificuldade em suas mais recentes operações em espaços urbanos: “Este ano [2004] o exército americano foi forçado a reaprender lições dolorosas na guerra urbana. Insurgentes em Falluja e Najaf foram capazes de neutralizar a superioridade tecnológica dos Estados Unidos e infligir pesadas perdas” (Stier, 2004, tradução do autor). Destarte, as posições que compõem o debate, no âmbito das Forças Armadas norte-americanas, a respeito da urbanização da guerra, bem como as políticas de defesa orientadas por tais posições, parecem corresponder a uma percepção limitada do caráter urbano das novas guerras, uma vez que partem do entendimento de que a cidade é apenas o meio físico onde se dá a batalha. Ao fazê-lo, as Forças Armadas norte-americanas parecem ignorar as principais dimensões da relação entre as novas guerras e as cidades, identificadas pela literatura que se dedica ao tema da natureza urbana dos conflitos contemporâneos. De acordo com Graham (2007, p. 4, tradução do autor): “(...) as forças militares dos Estados Unidos são o exemplo mais interessante e importante de como construções discursivas sobre o terreno estão sendo usadas para justificar os projetos de transformação das tecnologias, táticas e estratégias de intervenção militar nacional de forma mais ampla”. ■

* Adaptação de um texto já publicado em *Defesa nacional para o século XXI: política internacional, estratégia e tecnologia militar* / Edison Benedito da Silva Filho, Rodrigo Fracalossi de Moraes: organizadores. – Rio de Janeiro : Ipea, 2012.

Referências

- BOYKIN, W. G. — From the commandant. *Special Warfare*, Fort Bragg, v. 14, n. 2, Spring 2001. Disponível em: <<http://www3.citadel.edu/sml/Seminar/Additional%20Resources/Barnes,%20Human%20Rights%20and%20Legitimacy%20in%20the%20Foreing%20Training%20Mission,%20Special%20Warfare,%20Spring%202001.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2012.
- DEATKINE, N. B. — Urban warfare: lessons from the Middle East. *Special warfare*, U.S. Army, John F. Kennedy Special Warfare Center and School, Fort Bragg, N.C., v. 14, n. 4, Fall 2001.
- DESCH, M. C. (Ed.) — *Soldiers in cities: military operations in urban terrain*. 2000. Disponível em: <<http://smallwarsjournal.com/documents/desch.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2011.
- DIRC — DEFENSE INTELLIGENCE RELAY CENTER. The urban century: developing world urban trends and possible factors affecting military operations. Quantico: Marine Corps Intelligence Agency, 1997.
- GRAHAM, S. — “Robowar dreams: global South urbanisation and the US military’s revolution in military affairs”. London: Crisis States Centre, 2007 (Working Paper, n. 20).
- GRAHAM, S. — *Cities under siege: the new military urbanism*. London: Verso, 2010.
- GRAU, L.; KIPP, J. — “Urban combat: confronting the spectre”. *Military review*, v. LXXXIX, n. 4, p. 9-17, 1999.
- HARRIS, A. — Can new technologies transform military operations in urban terrain? 2003. Disponível em: <<http://smallwarsjournal.com/documents/harris.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2011.
- HOULGATE, K. — Urban warfare transforms the corps. *Naval Institute Proceedings*, Nov. 2004.
- LEONHARD, R. — “Sun Tzu’s bad advice: urban warfare in the information age”. *Army magazine*, Apr. 2003.
- LIOTTA, P.; MISKEL, J. — “Redrawing the map of the future”. *World policy journal*, v. XXI, n. 1, Spring 2004.
- NORTON, R. J. — “Feral cities — the new strategic environment”. *Naval war college review*, v. 56, n. 4, 2003.
- STIER, K. — “Feral cities”. *The New York Times*, 12 Dec. 2004. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2004/12/12/magazine/12FERAL.html>>. Acesso em: 10 ev. 2011.